

O SEMIPRESENCIAL: O QUE SE FAZ NECESSÁRIO? ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE AS PERSPECTIVAS DE ALUNOS INICIANTE E FINALISTAS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA

Curitiba/PR Maio/2016

Guilherme Ruthes - UNINTER - guilherme.ru@uninter.com

Ana Paula Soares - UNINTER - ana.so@uninter.com

Lincoln de Lima - UNINTER - lincoln.l@uninter.com

Luana Wunsch - UNINTER - luana.w@uninter.com

Ademir Mendes - UNINTER - ademir.m@uninter.com

Dinamara Machado - UNINTER - dinamara.m@uninter.com

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: DESCRIÇÃO DE PROJETO EM ANDAMENTO

Categoria: CONTEÚDOS E HABILIDADES

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

A presente comunicação tem por objetivo analisar como é percebida a responsabilidade do aluno da Educação Superior em cursos semipresencial, perante a sua aprendizagem. Para isso foi realizada, com análise qualitativa dos dados, a aplicação de questionários sobre a estrutura do curso desta natureza. Assim, emergiram três categorias consideradas como essenciais para tal organização, tendo em consideração a perspectiva de alunos que iniciaram recentemente e de alunos que estão finalizando o curso de Pedagogia. A primeira teve como foco as diferenças na relação do aluno com o professor presencial e o virtual e também com o conteúdo. Já a segunda, apontou o aprendizado e a relação de dificuldade que existe quanto ao curso. E a terceira diz respeito a abordagem metodológica, que segundo os respondentes, encontram dificuldades de ainda não ter experiência profissional na área, e isso reflete na compreensão do assunto, pela inexistência da relação entre teoria e prática. O trabalho, que ainda está em desenvolvimento, destaca nos primeiros dados analisados, que é possível ver que tal configuração de curso permite aos estudantes direcionar o foco do seu trabalho, buscando os meios que melhor atendem suas necessidades e lhes possibilitando a opção de escolha, entre manter-se no semipresencial ou optar definitivamente pela modalidade que melhor responda às suas necessidades. Outro aspecto a ser considerado é o fator “comunicação” como um proponente de análise mais criterioso para a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos da Educação Superior nos cursos totalmente EAD e/ou semipresencial.

Palavras-chave: Semipresencial. Perspectivas. Pedagogia

Introdução

Nos últimos anos a vertente semipresencial do ensino superior, *blended learning* em inglês, tido como segmento da Educação a Distância, tem sido frequentemente relatado nas investigações da área como importante apoio para que os participantes realizem a prática da aplicação das competências interpessoais virtuais em situações reais.

Neste sentido, investigar a oferta de cursos de graduação semipresencial se faz necessário colaborando com bases para a melhoria dos encontros presenciais a meios comumente dedicados às atividades *on line*, como expressiva alternativa para o público que busca a otimização do tempo, ou seja, assistir aulas em qualquer hora e lugar, mas que não abrem mão, ainda, do contato *face to face*.

A oferta de cursos de graduação semipresencial entra na modalidade a distância e faz necessário em encontros presenciais a meios comumente dedicados à modalidade a distância. Tais cursos surgem do reflexo das “novas condições sociais, econômicas e culturais que existem na atualidade e que têm provocado o surgimento de diferentes movimentos relacionados com a sociedade digital” (LEVY, 2007 citado em HINOJO, 2012, p. 160). Assim, tendo tal base, a qual já consolidada, afinal no presente ano comemora-se vinte anos da Educação a Distância (EAD) e o semipresencial afirma-se como uma alternativa viável, aliando a flexibilidade proporcionada pela EAD às interações oferecidas pelos modelos presenciais de educação também chamado de *blended learning* (HINOJO, 2012).

Modalidade presente tanto nas instituições privadas como nas públicas, o semipresencial responde a uma necessidade de estruturação de programas educativos que permitam aumentar a cobertura, mas sem diminuir a qualidade da aprendizagem na Educação Superior (ES) (LOZOYA, PARRA, GARCÍA LÓPEZ e VALENZUELA, 2015), pois a capacidade em se adotar e trabalhar com mais tecnologias de informação e comunicação (TIC) permite a ampliação e a acessibilidade à educação em formas e maneiras que há cerca de duas décadas seriam impossíveis.

Ao considerar que a inserção destas tecnologias, em amplitude tal que atualmente é possível, a EAD gerou uma enorme quebra de paradigma ao possibilitar que a formação dos indivíduos saísse das salas de aulas físicas para ganhar o mundo em suas salas de aula virtuais, modificando não só nossos hábitos, mas também a maneira de se encarar a educação e continuando a ter em alta conta a expectativa de que ocorra aprendizagem e seus sujeitos continuam sendo os mesmos de qualquer modalidade educativa: o ser humano. Aspecto este que se faz ter em mente o significado de aprendizagem para Rogers (1977):

Definamos, com um pouco mais de precisão os elementos envolvidos em tal aprendizagem significativa ou experiencial. *Tem ele a qualidade de um envolvimento pessoal* – a pessoa como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, *inclui-se* no fato da aprendizagem. *Ela é auto-iniciada*. Mesmo quando o primeiro impulso ou estímulo vêm de fora, o senso da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro. *É penetrante*. Suscita modificação no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do educando. *É avaliada pelo educando*.

Sob tal perspectiva, no semipresencial é importante que não se defina a aprendizagem como sendo um reflexo dos métodos e da metodologia escolhidos por professoras e professores, mas a aprendizagem se dá na e pela pessoa, pelo indivíduo sujeito do processo de educação, afinal a autonomia surge como um dos seus mais fortes pilares, a pessoa que pode saber o que e como deve aprender (JARVIS,2006).

Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar como é percebida a responsabilidade do aluno da ES, que está em processo de formação em cursos semipresencial, perante a sua aprendizagem. Para tal, a análise foi realizada em um curso de formação inicial de professores da Educação Básica: Pedagogia, sob duas óticas (i) dos alunos calouros e (ii) dos alunos que estão finalizando os cursos. Para o desenvolvimento da mesma, destaca-se a perspectiva da utilização das TIC como forma de oferecer materiais em todos os tipos de mídia e formato, buscando atender a todos os possíveis perfis dos alunos, para que cada indivíduo selecione aqueles com os quais melhor se adapta, se torna inviável.

O aluno dos cursos semipresenciais

Por mais que a modalidade de educação a distância ou semipresencial se organize de forma diferente da educação presencial, o foco ainda, e sempre deve ser, a qualidade da aprendizagem do aluno. Porém, na modalidade mediada pelas TIC para o encurtamento das distâncias, para a facilidade da comunicação, tal aluno tem que estar atento à utilização de computadores e dispositivos, bem como o manuseio consciente das informações, que chegam de todos os lados e de todas as formas, para que possa produzir materiais que em outros tempos seria possível apenas por pessoas especializadas, como áudio e vídeo, mudando, assim, o seu papel, de ator passivo da educação no qual o saber é depositado (FREIRE, 2013), para passar a realizador, um executor das tarefas e produtor de conteúdo.

De acordo com Tarouco (2003), os alunos podem apresentar dois perfis: aluno tradicional e aluno aprendiz. Enquanto o aluno tradicional é aquele que recebe informações de forma passiva, realiza suas atividades através do “método correto” apontado pelo professor, individualista, memorizador de informações, que “na visão 'bancária' da educação, o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 2013 p.81). Enquanto o aluno aprendiz explora suas possibilidades, busca soluções alternativas e trabalha em grupos, sendo o agente de sua aprendizagem, como enfatizou Freire (2013, p. 96) “que ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, mediatizados pelos objetos cognoscíveis”. Características claras estas do que pode-se reconhecer dos alunos sujeitos das metodologias que são tomadas como tradicionais, de aulas discursivas e centradas no trabalho do docente, e daqueles sujeitos das chamadas metodologias ativas, que tendem a ter o aluno como centro do processo educativo, em uma posição de protagonismo, enfatizando a importância do seu trabalho e da sua atuação para o aprendizado, diminuindo o foco sobre o professor.

Além de alunos que podem ser determinados nas categorias de “nativo digital” e “imigrante digital”, como apontado por Prensky (2001), sendo os nativos digitais aqueles alunos que já nasceram cercados por dispositivos tecnológicos, naturalizando seu uso e tendo facilidade ao fazê-lo, enquanto os imigrantes digitais são aqueles que nasceram sem a facilidade de acesso a esses dispositivos ou em período anterior ao desenvolvimento e popularização da tecnologia digital, apresentando maiores dificuldades para interagir tanto com dispositivos como com ambientes virtuais de aprendizagem.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas, de maneira qualitativa, a aplicação de questionários e o levantamento de dados bibliográficos para sua fundamentação teórica. O

enfoque qualitativo partiu de uma ideia que os autores tiveram a partir de suas práticas diárias com alunos das licenciaturas em curso semipresencial. Conhecer e analisar as perspectivas dele perante suas próprias aprendizagens fez-se necessário para pensar novas metodologias, novas aplicações e novas avaliações, as quais possam vir ao encontro do que os alunos precisam efetivamente.

Assim, para o levantamento dos dados foi aplicado um questionário composto por dez questões abertas, não delimitadas previamente por alternativas de respostas, possibilitando que os respondentes apresentassem suas opiniões de forma espontânea e real.

Estes questionários foram aplicados a treze alunas concluintes do curso de Licenciatura em Pedagogia, em modalidade semipresencial, considerando como concluintes as alunas que iniciaram o curso nos anos de 2013 e 2014.

Para a comparação dos dados, também foi aplicado questionário aos alunos iniciantes do mesmo curso. Os alunos definidos como iniciantes são aqueles que iniciaram o curso nos anos de 2015 e 2016, tendo sido aplicados questionários para setenta e dois alunos.

É importante ressaltar que a diferença entre o número de matriculados nos períodos finais X iniciais do curso se dá não só pela evasão, mas também pelo maior número de ofertas de matrículas nos anos que se seguiram ao de 2013.

O universo total de alunos inscritos no curso de Licenciatura em Pedagogia semipresencial, desde 2013 até abril de 2016 é de 289 alunos inscritos.

Para a organização das questões, durante a revisão do marco teórico foram selecionados livros e artigos a partir de consultas utilizando os termos educação + semipresencial, retornando resultados com o termo *blended learning*, sendo então refinado pela área temática *education & educational research*.

Análise comparativa entre as perspectivas dos alunos iniciantes e dos concluintes sobre o ensino semipresencial

Ao serem questionados sobre a modalidade semipresencial em suas perspectivas, emergiram três categorias que foram consideradas na análise dos dados: 1- Professor Presencial X Professor a Distância; 2 – O aprendizado; 3 – Abordagem Metodológica.

Professor Presencial X Professor a Distância

As diferenças na relação do aluno com o professor presencial e o virtual e também com o conteúdo.

Houve uma clara semelhança nas respostas tanto de alunos iniciantes como de concluintes que foi a utilização do termo "tirar dúvidas" (21 iniciantes, dois finalistas), pois com "*o professor presencial dá para esclarecer dúvidas, pois o professor está ali para nos ajudar*" (aluno iniciante), mesma característica apontada pelos alunos concluintes "*a diferença que o professor virtual nunca responde nossa dúvida e o professor presencial sim*", destacando a predileção pelo contato direto entre aluno e professor e também pelo imediatismo na solução de dúvidas.

Pode-se perceber, assim, que para os alunos iniciantes a principal diferença entre o professor

presencial e o professor virtual é a facilidade nas interações entre professor e aluno, aspecto favorecido pelo contato pessoal e imediato possibilitado pela sala de aula, enquanto o professor virtual é visto como mecânico, que não tira dúvidas.

Sobre a percepção dos alunos sobre a sala de aula da educação básica e sua relação com os dias atuais de um futuro professor do século XXI, surgiu a utilização dos termos como “*metodologia tradicional*” e “*tradicional*” para definir a sala de aula de quando ainda eram alunos da educação básica, sem maiores explicações sobre o que seria esta sala de aula ou a metodologia “*tradicional*”, assim como a ausência de recursos tecnológicos é bastante citada, mas apontado sempre para a ausência de recursos relacionados ao audiovisual ou recursos digitais.

A sala de aula da educação básica atual foi apontada como um ambiente no qual a tecnologia se faz muito mais presente (12 iniciantes - Recursos digitais, três finalistas – tecnológica), principalmente por meio da facilidade em se utilizar recursos audiovisuais para o desenvolvimento das atividades, apontando esta como sendo melhor que as salas que frequentaram no passado. Para aqueles que acreditam não ter havido mudança e que a sala de aula que encontrarão hoje será a mesma na qual estudaram (dois finalistas). Tal é percebido por meio de afirmações como “*hoje [a sala de aula] continua igual*” e “*acredito que continua a mesma coisa, pois muito se fala, mas ninguém faz nada para mudar*”.

As principais transformações que consideraram ter ocorrido nas salas de aulas são a disponibilidade de artefatos tecnológicos vistos como modernos, o apoio tecnológico disponível e também a metodologia de trabalho adotada pelos professores, inclusive no que concerne ao papel e a postura do aluno, que atualmente apresenta uma postura muito mais ativa na aprendizagem do que seus pares do passado, “*o que mudou foi a visão de como uma sala de aula tem que ser, não mais com alunos quietos, sentados e somente ouvindo, mas sim alunos ativos*”.

Até aqueles que apontaram as mudanças estéticas que tenham ocorrido “*na minha época não tinha nem TV nas salas. Hoje mudou muito, inclusive as carteiras e cadeiras que são de plástico resistente e são azuis, na minha época eram de madeira e verdes. Mudou o visual, mas a função continua a mesma*”, tendo a função da sala de aula se mantido como um elemento que está relacionado entre as atuais salas de aula e as salas de aula do passado. Pois, por mais que se transforme o ambiente, as ferramentas e os sujeitos, o objetivo apontado para a sala de aula continua a ser o aprendizado e também o papel e função do professor, mesmo que com outros métodos e posturas.

O aprendizado

Para ambos os grupos de aluno, iniciantes e concluintes, ao se abordar seu aprendizado e a relação de dificuldade que existe quanto ao curso, a maioria apontou não existir dificuldade nem para os momentos presenciais (nove iniciantes, sete finalistas) e nem para os momentos a distância (nove iniciantes, três finalistas). Os professores foram destacados como um dos elementos que colaboram para esta ausência de dificuldade, “*os professores estão muito preocupados com o ensino e são atenciosos para tirar todas as dúvidas, e quando não sabem elas vão atrás para tirar nossa dúvida*”.

Um aspecto que foi relacionado pelos alunos respondentes a dificuldades de aprendizado foi a questão tempo. “*Não é questão de dificuldade, e sim o tempo*” (dois iniciantes, um finalista) que temos para realizar as atividades e entender o conteúdo em tempo. Pois ir-se-á precisar, por exemplo: saber os pensadores que são vários e o que fazem e aplicam e “*em algumas matérias deveríamos nos aprofundar mais, porém o tempo se torna curto*”.

A questão tempo foi apresentada tanto pelos alunos iniciantes como pelos finalistas, assim como a didática apresentada por um ou outro professor, principalmente quando se trata de algum professor virtual.

Houve também aqueles que acreditam que o rendimento e o aprendizado do aluno dependem apenas de seu próprio esforço, como podemos perceber em *“nenhuma dificuldade, as modalidades dependem da gente! Se a gente estudar vai bem se não, não”* e *“Não sinto dificuldades, se você se dedicar vai conseguir aprender em qualquer uma das modalidades”*. Esta visão que pode ser tida como *“meritocrática”* não se resume a uma ou outra das diferentes modalidades da educação, mas se foca no esforço e dedicação do aluno independente da modalidade em que se estuda.

Abordagem Metodológica

Outros aspectos apontados pelos alunos finalistas referentes às dificuldades encontradas foi o fato de ainda não ter experiência profissional na área, apontado como uma das razões na dificuldade em compreender o assunto, pela inexistência da relação entre teoria e prática, *“encontrei muita dificuldade, pois não trabalho no meio ainda, é difícil entender o assunto”*. A presença, ou ausência, do professor é outro fator levado em conta pelos alunos, sua presença é apontada como um elemento de facilitação para o estudo, para a compreensão e para o desenvolvimento das atividades, *“os professores estão muito preocupados com o ensino e são atenciosos para tirar todas as dúvidas quando não sabem”*. Enquanto sua ausência, ou virtualidade, é tida como negativa para o aprendizado, *“a falta de professor na modalidade EAD pois acho o professor muito importante”*.

Ou até mesmo o repúdio a uma modalidade específica, como o caso em que é apontado que *“EAD não vou fazer nunca mais, porque eu não consigo assimilar, e não consigo tirar nada de proveitoso desse curso. Só estou cansando. Presencial o professor explica mais, tem mais tempo, não precisa ter pressa, o professor fala nossa língua e não esses livros chatos”*. Esse é um exemplo de aluno que pode experimentar ambas as modalidades e consolidar sua opinião sobre ambas, optando por se expressar sobre a forma que considerou negativa.

Considerações finais

Mesmo que tenha-se trabalhado com alunos do modelo semipresencial pode-se perceber a variabilidade no perfil dos alunos que é comumente atribuída a modalidade de educação a distância, com pouco tempo ou que mora geograficamente longe da instituição para frequentar o curso diariamente de forma presencial (SILVA, 2012).

Assim, foi possível ver que tal configuração de curso permite aos estudantes direcionar o foco do seu trabalho, buscando os meios que melhor atendem suas necessidades e lhes possibilitando a opção de escolha, entre manter-se no semipresencial ou optar definitivamente pela modalidade que melhor responda às suas necessidades.

A relação com professor é o principal foco da modalidade, perante a pesquisa realizada, valeu para a visão apresentada sobre o professor virtual, percebido muito mais como um tipo de máquina (nove iniciantes – mecânico) do que como um interlocutor. Ficou claro, portanto, que a percepção que ambos grupos de alunos têm do professor virtual é restrita aos protagonistas das vídeo aulas que, exceto em casos de transmissão ao vivo, encontrou-se em uma posição diferente tanto no espaço quanto no tempo em relação ao aluno que o assiste.

Destaca-se a necessidade de se pensar ferramentas que possibilitem tirar dúvidas prontamente e

também o diálogo, explicações, interação e vínculo. Características que não apresentaram mudança durante sua trajetória enquanto alunos do semipresencial. Afinal, a forma como os alunos veem o professor foi bastante aproximada em ambas etapas do curso.

Efetivamente, a comunicação entre alunos e professores pode ser a saída da melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos da ES nos cursos totalmente EAD e/ou semipresencial, afinal pode ser trabalhada fomentando o contato tanto entre os próprios estudantes como destes com seus professores e orientadores durante o desenvolvimento de suas atividades, possibilitando que sentidos, talvez, mais sutis para a educação sejam utilizados e desenvolvidos, como o olfato, o tato e o paladar, por mais despercebidas que estas experiências sensoriais possam vir a ser para estudantes e professores.

A partir da verificação literária sobre esta modalidade, percebeu-se a utilização do *blended learning* em quatro abordagens que podem ser convergentes à formação inicial docente e, sendo esta uma seção da “distância”, impulsionadoras da motivação do aluno EAD: autoaprendizagem, práticas interativas, simulações e testes e aprendizagem *off line* (WUNSCH, 2013). Sobre a autoaprendizagem *on line*, percebeu-se que as atividades incluem sessões de estudo, nos quais os alunos são capazes de se orientar de forma autônoma e definir os seus próprios objetivos com a ajuda das leituras e das tarefas recomendadas pelo tutor. Já as práticas interativas nesse tipo de aprendizagem estão a alterar-se com a aprendizagem colaborativa, entre pares de estudantes com as mesmas dúvidas e/ou interesses de estudo e, assim, demonstrado bons resultados (FERNANDES e FERREIRA, 2012).

As ações de simulações e testes podem ser enfatizados para os participantes completarem ao seu próprio ritmo sem a presença de um facilitador e pessoalmente ou com ferramentas que incluem avaliações e observação *on-the-job* (LEFEVER e CURRANT, 2010). A aprendizagem, neste sentido, mostrou-se que com a possibilidade de uma orientação que é realizada geralmente em grupos podem conduzir *workshops* ou seminários tradicionais a partir da interação dos participantes e na procura de oportunidades de prática com casos reais.

A pesquisa empírica corroborou os itens da revisão de literatura, os quais destacaram que pensar no semipresencial não se trata tanto do tipo das tecnologias selecionadas, mas sim na quebra de paradigmas dos quais se torna possível adotar novos meios e ferramentas para o desenvolvimento e para a aprendizagem do indivíduo, independentemente de serem meios digitais ou físicos, transformando estas interações em processos de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Geraldo. e FERREIRA, Carlos. Designing content e-learning: what theories of learning we can find?. *RIED* 15 (1), pp 79-102, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 54 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

HINOJO, María A; FERNADÉZ, Andrés. El aprendizaje semipresencial o virtual: nueva metodología de aprendizaje en Educación Superior. *Revista latino-americana de ciencias sociales, Niñez y Juventud*, 10 (1), pp. 159-167. Disponível em acessado em 15/04/2016.

JARVIS, Peter. *Towards a comprehensive theory of human learning*. New York. Routledge, 2006.

LEFEVER, Ruth. e CURRANT, Becka. *How can technology be used to improve the learner experience at points of transition?* Bradford: University of Bradford, 2010.

MORTIS LOZOYA, Sonia Verónica et al. La modalidad mixta: un estudio sobre los significados de los estudiantes universitarios. *Innov. educ. (Méx. DF)*, México, v. 15, n. 68, p. 73-97, agosto 2015. Disponível em . Acessado em 16/04/2016.

PRENSKY, Mark. Digital Natives, Digital Immigrants. In: *On the Horizon. NCB University Press*, n. 5, v. 9. 2001.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. 4ª edição. Belo Horizonte. Interlivros. 1977.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 5ª edição. Porto Alegre. Penso.

SANCHEZ, LUCIA HELENA APONI; SANCHEZ, OTÁVIO PRÓSPERO; ALBERTIN, ALBERTO LUIZ. GESTÃO DE RECURSOS DO EAD: COMO ADEQUAR AS TECNOLOGIAS AOS PERFIS DE ASSIMILAÇÃO. *Rev. adm. empres.*, São Paulo , v. 55, n. 5, p. 511-526, Oct. 2015 . Disponível em . Acessado em 16/04/2016.

SILVA, Ketia K. A. *Mapeamento de competências: um foco no aluno da educação a distância*. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto alegre, BR-RS, 2012.

TAROUCO, Liane M. R.; MORO, Eliane L. da S.; ESTABEL, Lizandra B. O professor e os alunos como protagonistas na educação aberta e a distância mediada por computador. *Educar*. Curitiba, n. 21, p. 01-15, June 2003. Disponível em . Acessado em 27/04/2016.

WUNSCH, Luana. *Formação Inicial de Professores do Ensino Básico e Secundário: integração das tecnologias da informação e comunicação nos mestrados em ensino*. Tese de Doutorado. Lisboa. Universidade de Lisboa, 2013.
